

A religião no Brasil após o Vaticano II

Mônica Geralda Palhares – IPTAN/UNIPAC

Mestre em Biblioteconomia

Fone: (32)3372-2145

E-mail: palharessenator@gmail.com

Data de recepção: 06/08/2008

Data de aprovação: 20/10/2008

Resenha de: NASCIMENTO, Silvio Firmo do. **A religião no Brasil após o Vaticano II:** uma concepção democrática da religião. Barbacena: UNIPAC, 2005.

A obra constitui-se numa abordagem bastante ampla sobre a questão religiosa no Brasil dos últimos 40 anos. Faz uma análise da religião como fenomenologia do sagrado que se manifesta ao homem como fascínio, admiração, atração ou repulsa e, enfim, felicidade. A religião é um fenômeno universal que sempre acompanhou o homem na história e no espaço. Assim, aconteceu no Brasil. O brasileiro é essencialmente religioso. Constata o autor que essa verdade pode ser vista na diversidade religiosa brasileira: catolicismo, protestantismo, espiritismo, pentecostalismo, neopentecostalismo, sincretismo, secularismo, religiões orientais etc.

A partir do quadro religioso brasileiro, a religião pode ser estudada pelo antropólogo, historiador, sociólogo, filósofo, psicólogo e teólogo etc., sendo uma crença que influencia todos os aspectos da personalidade humana. A religião também pode

ser estudada por uma ciência específica da religião: Ciência da Religião. A ciência coloca-nos a religião como bipolaridade do homem como sujeito da religião e do sagrado como objeto em torno do qual gira a vida religiosa.

O autor trabalha o livro em quatro capítulos: a religião enquanto fenomenologia antropológica, o catolicismo, o protestantismo e, enfim, pentecostalismo. Pode-se pensar na história da religião no Brasil da seguinte maneira: do século XVI ao XVIII, a vez do catolicismo; século XIX, a vez do protestantismo; século XX, a vez do pentecostalismo (também do neopentecostalismo).

Na primeira parte, o autor trabalha a religião na perspectiva filosófica. A religião vem do termo “religio” que significa releitura e do termo “re-ligare” como religar. Assim, a religião tem a missão de reler a vontade de Deus e suas leis escritas e orais no decorrer da história. Seria possibilitar o retorno do caos à harmonia original. Por sua vez, cabe à religião religar o homem ao sagrado, vínculo quebrado pelo pecado, de aproximar o homem novamente de Deus, princípio e fim de todo ser humano; enfim, de garantir a imortalidade da alma e a sua felicidade no paraíso. A religião excomunga o mal como expressão do demônio e permite ao homem viver em paz mesmo com a possibilidade da morte a todo instante, dá saúde mesmo num mundo ameaçado o tempo todo pela doença. A religião assegura o bem absoluto diante da relatividade da mal. Ser religioso é ser uma pessoa de Deus.

Na segunda parte, o autor fundamenta o catolicismo na

filosofia escolástica, especialmente em São Tomás de Aquino (1226-1274), justificando as bases tomistas da Igreja no filósofo Jacques Maritain (1882-1973) e do papa João Paulo II (1920-2005). Por sua vez, retrata a questão da doutrina social da Igreja (de Leão XIII até hoje), formação nos Seminários de Filosofia e Teologia que dá aos sacerdotes o perfil eclesial eclesiástico tomista. Esta fisionomia da formação eclesial é ilustrada com a grade dos Cursos de Filosofia e Teologia de acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Termina o capítulo mostrando-nos o rosto do catolicismo pelos grandes dogmas e sacramentos da Igreja.

Na terceira parte, o autor faz uma abordagem muito ampla do protestantismo. Busca raízes históricas do protestantismo na Reforma, reflete sobre os elementos essenciais de fé protestante (Bíblia, Cristo, fé e graça). Faz uma análise do pentecostalismo de influência americana e do neopentecostalismo, conhecido mais como Igreja Universal do Reino de Deus.

Na quarta parte, há um estudo bastante curioso sobre o pentecostalismo nas vertentes católica (renovação carismática católica) e evangélica e, enfim, sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (vista como neopentecostalismo).

Nas considerações finais encontra-se a proposta de diálogo ecumênico e inter-religioso a partir do papa João Paulo II (1978-2005), com o respaldo nos seus pronunciamentos nas duas viagens que fez ao Brasil.